

Trabalhar mais tempo não significa ser mais produtivo

*Tatiana Borenstein

Muitas pessoas têm a sensação de que profissionais que trabalham mais horas no dia são mais produtivos, o que não é verdade, é um mito. É um conceito comum no mercado corporativo brasileiro, enraizado em questões culturais e sociais, mas que distorce completamente a realidade e acaba prejudicando a economia como um todo. Uma empresa americana de consultoria pesquisou sobre o assunto e o resultado para o Brasil deve servir de alerta: um brasileiro leva quase seis dias para realizar um trabalho que um americano faz em apenas um dia.

Essa conta, que parece não fechar, passa a fazer sentido se levarmos em consideração itens essenciais para uma boa produtividade: ambiente de atuação, qualificação, eficácia e resultados. São pontos fracos do mercado de trabalho brasileiro, além da burocracia e da carga tributária. A falta de qualificação faz com que o profissional se torne menos eficaz, o que gera resultados abaixo do esperado, pois falta-lhe poder de análise crítica e meios para desenvolver tarefas que impactam no resultado das organizações. As empresas gastam tempo e dinheiro para suprir essa falta de qualificação e, com a educação no País caindo em todos os índices positivos, preparar as pessoas para as mais diversas funções se tornou uma verdadeira missão e um ônus para os empresários.

E essa missão não é nada fácil, leva tempo, é cara e nem sempre assegura um saldo vantajoso, mas a tentativa das empresas de melhorar a produtividade é – ou teria de ser – constante. O estímulo desse investimento deveria vir do próprio resultado, mas os funcionários precisam colaborar, aproveitando o tempo de treinamento com seriedade, aplicar o que obtém de conhecimento em prol da empresa e entender definitivamente que os esforços são para ambas as partes.

Infelizmente, muitos empregadores e empregados ainda têm a ideia de que quem passa mais tempo na empresa é melhor profissional, mais dedicado e produtivo. Isso deveria ser revisto e melhor entendido. É claro que as pessoas não devem fazer tudo correndo no trabalho. Não é isso. É o discernimento do que é eficaz e impactante nos resultados e feito da melhor maneira uma única vez. Aquela pessoa que vive reclamando que tem coisas demais para fazer ou não tem tempo de finalizar um projeto, em geral, não sabe organizar o tempo que tem. Hoje, todos têm inúmeras ocupações e

de fato às vezes aparece aquela sensação de que o dia passou muito rapidamente e você não conseguiu fazer nada do que programou. Imprevistos acontecem e a consequência, eventualmente, é deixar de fazer algo planejado. O problema é quando isso ocorre com frequência.

Essa “falta de tempo” para concluir ações é prejudicial em todas as áreas da vida, mas no trabalho afeta não só o profissional improdutivo, mas toda a equipe, o resultado, o faturamento, o funcionamento, os clientes, os fornecedores e todas as demais pessoas envolvidas de alguma maneira no serviço prestado ou no produto gerado por esta empresa. Maior produtividade gera menos custos, menos desperdício, maiores salários e redução de preços de produtos e serviços, ou seja, é um ganho geral para toda a sociedade. Repensar processos e desenvolver pessoas é uma tarefa que os gestores devem enxergar como meio de serem mais produtivos. É preciso entender que sempre podemos melhorar a forma de fazer se tivermos ferramentas internas, conhecimento e vontade genuína de aplicar no dia a dia das empresas, muitas vezes, quebrando tabus nas organizações, mas com foco em se tornar produtivo. Os resultados virão.

*Tatiana Borenstein

É diretora-administrativa do Grupo Marbor